

COMO TUDO COMEÇOU?



Luiz Antonio Sabeh *et al.*

Ilustrações

Anna Lívia Balbino Carvalho Braga

Luana Bruno da Silva Bellini Ramos

Universidade Federal de Alfenas

Anderson Vilela Oliveira Dias
Anna Lívia Balbino Carvalho Braga
Augusto César Silva de Oliveira
Fabrício de Oliveira Ferreira
Guilherme Talles Júlio dos Santos de Carvalho
Luana Bruno da Silva Bellini Ramos
Luiz Antonio Sabeh
Maria Emília Moura Saldanha

Como tudo começou?

Narrativas sobre a origem da vida

Ilustrações
Anna Lívia Balbino Carvalho Braga
Luana Bruno da Silva Bellini Ramos

Universidade Federal de Alfenas
2021

© 2021 Direito de reprodução do livro de acordo com a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Título: Como tudo começou? Narrativas sobre a origem da vida



Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG
Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Centro – Alfenas
Minas Gerais – Brasil – CEP: 37.130-001

Reitor: Sandro Amadeu Cerveira
Vice-reitor: Alessandro Antônio Costa Pereira

Sistema de Bibliotecas da UNIFAL-MG / SIBI/UNIFAL-MG

Autoria: Anderson Vilela Oliveira Dias, Anna Lívia Balbino Carvalho Braga, Augusto César Silva de Oliveira, Fabrício de Oliveira Ferreira, Guilherme Talles Júlio dos Santos de Carvalho, Luana Bruno da Silva Bellini Ramos, Luiz Antonio Sabeh e Maria Emília Moura Saldanha.

Ilustrações: Anna Lívia Balbino Carvalho Braga e Luana Bruno da Silva Bellini Ramos.

Editoração: Luiz Antonio Sabeh.

Capa e contra-capas: Luiz Antonio Sabeh.

Imagem da capa: Anna Lívia Balbino Carvalho Braga e Luana Bruno da Silva Bellini Ramos.

Revisão Textual: Prof^a. Adriana de Cássia Santos Dias (Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais).

Parecer *ad hoc*: Prof^a. Dr^a. Elaine Ribeiro da Silva dos Santos (UNIFAL-MG) e Prof^a. Dr^a. Marta Gouveia de Oliveira Rovai (UNIFAL-MG).

Órgão de fomento: Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Alfenas.

Outras Informações: Esta obra é fruto das atividades do Projeto de Extensão *Novas mídias para a produção e comunicação do conhecimento histórico* da UNIFAL-MG. Desde 2020, o projeto integra o Programa de Extensão *Laboratório de História Pública* da mesma universidade.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central – Campus Sede

Sabeh, Luiz Antonio
S115c Como tudo começou?: Narrativas sobre a origem da vida /
Luiz Antonio Sabeh ... [et al.], ilustrações de Anna Lívia Balbino
Carvalho Braga, Luana Bruno da Silva Bellini Ramos Alfenas –
MG : Editora Universidade Federal de Alfenas, 2021.
30 p.: il. -

ISBN: 978-65-86489-35-4. (e-book)

Vários autores
Inclui Bibliografia

1. Origem da vida. 2. Narrativas. 3. História. 4. Mitos de
origem. I. Título.

CDD- 808.899282

Ficha Catalográfica elaborada por Marlom Cesar da Silva
Bibliotecário-Documentalista CRB6/2735

Olá!

Você vai conhecer Maria Firmina, uma menina muito inteligente e questionadora. Certo dia, ela encontrou um álbum de fotografias. Curiosa, fez um monte de perguntas para Joaquim, seu avô, que a levaram a muitas descobertas. Vamos conhecê-las?



- Vovô, quem é essa criança que aparece nas fotografias?
- Ora, Maria Firmina, essa criança linda das fotos é você mesma!
- Sério, vovô! Quer dizer que um dia eu fui bem pequenininha?
- Sim, minha garotinha, você já foi um bebê. Eu também já fui. Quando nascemos, somos bem pequenininhos e crescemos ao longo da vida.
- Olha, que interessante, vovô! Nunca parei para pensar que eu já fui um bebezinho. Isso acontece com todos os seres vivos?
- Sim, Firmina, acontece com todos os seres vivos. Esse é o começo da vida para todos nós!



Com cara de feliz pela descoberta, mas com um baita ponto de interrogação na cuca, Firmina disparou mais uma chuva de perguntas para seu avô:

- Vovô, então, nas fotografias desse álbum eu vejo o começo da minha vida, certo?
- Certo!
- Mas, se a mamãe aparece nas fotos me segurando, significa que a vida dela começou antes da minha, não é?
- Sim, Firmina. Isso mesmo. Como você é esperta!
- E quando a mamãe nasceu, alguém já existia para cuidar dela, já que ela era um bebezinho. Estou certa?
- Sim, está!
- Mas, então, vovô, me diga uma coisa: se quando uma vida começa outra já existe, como foi exatamente que a vida começou?

O avô de Firmina não imaginava que uma garotinha fosse fazer uma pergunta tão intrigante. Então, tratou de pesquisar nos livros que tinha em casa para responder à netinha. Depois de horas de estudo, lá foi ele explicar para Firmina como tudo começou!



- Pois bem, Firmina! Esta é uma pergunta com muitas respostas. Em minhas pesquisas descobri que vários povos da Terra formularam diferentes explicações sobre a origem da vida. E elas foram elaboradas com base na ciência ou em suas religiões...

- Sério, vovô?

- Sim!

Com muito entusiasmo, Joaquim começou a lhe contar tudo o que aprendeu sobre a origem da vida:

- Os cientistas de hoje acreditam em duas teorias: uma chamada Big Bang e outra Evolucionismo. O Big Bang é como explicam a origem do nosso universo. Dizem que o mundo surgiu depois de uma grande explosão no espaço, que teria ocorrido há mais de 13 bilhões de anos. Depois desse estouro, partículas de matéria que vagavam pelo universo pouco a pouco se uniram e deram origem aos planetas e à nossa galáxia. Os cientistas acreditam que esse processo levou bilhões de anos, mas ainda não sabem bem o que havia antes do Big Bang!

- Nossa, vovô! Como eles descobriram isso?
- Eles chegaram a essa explicação depois de pesquisas e com ajuda da matemática, da física e de instrumentos, como o telescópio.

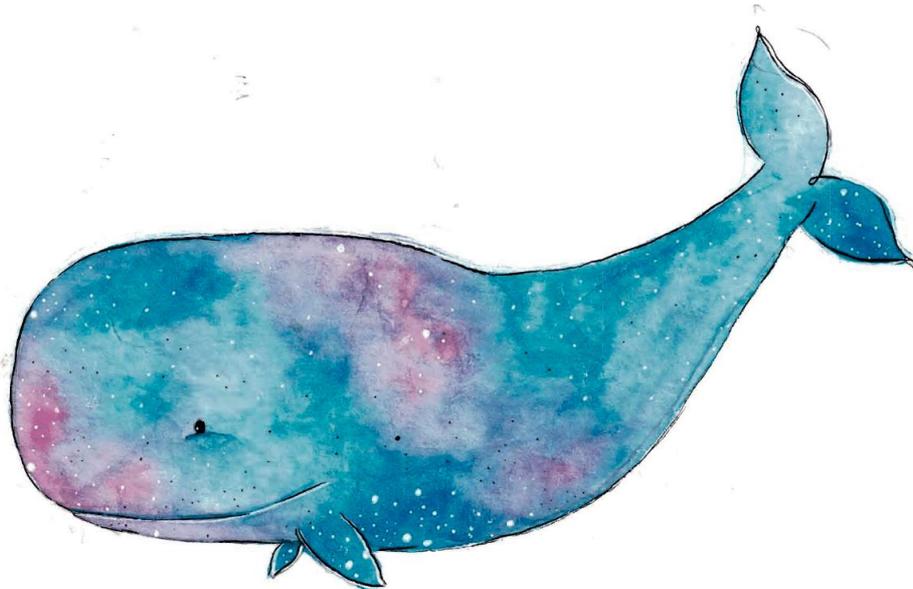


- Legal! E a outra teoria, o que ela diz?
- Bem, a teoria da evolução é como os cientistas explicam a origem dos seres humanos. Ela foi formulada por um senhor chamado Charles Darwin. Por meio de pesquisas, ele concluiu que todos os seres vivos desenvolvem algumas características para sobreviver. Por diversas vezes, a Terra passou por períodos climáticos que poderiam extinguir algumas espécies, e por isso elas precisaram se adaptar a tais condições. Esse processo é chamado de Seleção Natural. As espécies que conseguem sobreviver a essas condições terão filhos, e esses filhos também conseguirão sobreviver nessas condições, e assim a espécie vai mudando.

Firmina não parava de contemplar seu avô. Enquanto falava, ele parecia ser a pessoa mais inteligente do mundo!

- Continua, vovô – falou a garotinha com cara de encanto!

- Bem, Darwin também disse que todos os animais e plantas que existem são evoluções de outros seres que existiram há muito tempo atrás. As primeiras formas de vida surgiram nos oceanos há mais de 3,8 bilhões de anos: eram bactérias, pequenas algas e protozoários. Após milhões e milhões de anos é que surgiram corais, esponjas, vermes, moluscos e artrópodes. Depois deles apareceram os peixes que, com o tempo, conseguiram dominar o meio terrestre.



Cetacea

- Ué, vovô! Os peixes aprenderam a viver fora da água?
- Os cientistas entendem que é provável que alguma espécie de peixe pode ter adquirido a capacidade de viver tanto na água quanto na terra. É por isso que, de acordo com o Evolucionismo, os peixes formaram o primeiro grupo de vertebrados, que são os ancestrais dos anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Em todas essas classes surgiram inúmeras espécies. Na classe dos mamíferos, por exemplo, surgiram nós, seres humanos. É por isso que, segundo Darwin, não somos descendentes dos macacos, mas uma espécie muito parecida com a dos macacos. É como se eles fossem nossos primos, porque tanto a nossa espécie quanto a deles têm um ancestral em comum.

Firmina era só contentamento com as explicações do avô. Ela parecia não acreditar em tantas ideias novas, que faziam sua imaginação voar espaço afora!



- Vovô, o senhor disse que as religiões também explicam a origem da vida, não é? O que elas dizem sobre isso?
- Sim, Firmina! Também há explicações sobre a origem da vida formuladas pelas diferentes religiões. Judeus e cristãos, por exemplo, acreditam na teoria da criação, ou Criacionismo. Ela está no livro *Gênesis* da *Bíblia Sagrada*. Lá diz que Deus criou tudo em seis dias e no sétimo dia descansou.
- E os muçulmanos, acreditam nessa teoria também?
- Os muçulmanos acreditam no que o *Alcorão* diz sobre a criação. No livro sagrado do islamismo não há uma narrativa específica sobre a origem da vida, mas há muitas referências à criação que são muito semelhantes à da Bíblia. É por isso que muitos teólogos entendem que a narrativa bíblica tem grande influência na crença dos muçulmanos sobre a criação.
- Nossa! E como a Bíblia explica a origem de tudo, vovô?
- O livro *Gênesis* diz que, no primeiro dia, Deus criou o céu e a Terra. Tudo era escuro, por isso ele criou a luz, separando a luz

da treva. Chamou a luz de dia e a treva de noite. No segundo dia, criou uma divisão para separar as águas acima e as águas abaixo dessa divisão. Criou, assim, o céu. No terceiro, deu origem à parte seca das águas, que veio a se chamar Terra. Isso só aconteceu porque Deus juntou as águas, formando os mares e a Terra. Na parte seca, Deus fez brotar as árvores e plantas.

Sempre atenta e curiosa, Firmina se interessava cada vez mais pelos novos conhecimentos!

- E o que Deus criou no quarto dia, vovô?

- No quarto dia, Deus criou as luzes no céu. Criou o sol para o dia e a lua para a noite, além de todas as outras estrelas. Separou, assim, as luzes das trevas. No quinto dia, os peixes e as aves foram criados. Deus mandou esses animais se multiplicarem, e assim aconteceu.



- Estou adorando essa história, vovô!

- No sexto dia, querida, Deus criou mais animais de diversas variedades, mansos e ferozes. E, por último, Deus fez o homem do barro, soprando a vida pelas narinas. E a mulher foi criada da costela do homem. Eram Adão e Eva, que receberam a instrução de se multiplicarem e cuidarem de tudo o que Deus havia criado. No sétimo dia, enfim, Deus abençoou e santificou sua criação e acabou por descansar.

O entusiasmo de Firmina com as novas descobertas só atiçou ainda mais a sua curiosidade. Então, lá foi ela perguntar de novo para o avô:

- Vovô, todos os cristãos acreditam no Criacionismo?

- Boa pergunta, Firmina! O Espiritismo é uma Doutrina de aspecto filosófico, científico e religioso. Seu fundamento religioso é baseado nos ensinamentos de Jesus Cristo, portanto, pode-se dizer que os espíritas são cristãos. Porém, as obras básicas da Codificação Espírita dizem que o Criacionismo pode ser interpretado como uma narrativa alegórica em que os dias representam as fases geológicas que a Terra passou desde a sua formação até os dias de hoje. Cada uma dessas fases durou milhões e milhões de anos. Nesse caso, eles acreditam que Deus criou a Terra e a vida, mas não em seis dias, e sim em processos que levaram um tempo muito difícil de calcular.

- Ué, vovô! Então os espíritas unem ciência e religião para entender a origem da vida?

- Exatamente isso, minha garotinha! Como muitos outros cientistas e religiosos, eles unem ciência e religião: acreditam que Deus criou a matéria. Depois de muito, muito tempo e muitas transformações, essa matéria foi se unindo e dando origem a outras matérias, e aí nasceu tudo o que vemos e todas as formas de vida: vegetal, mineral e animal.

- Que interessante, vovô! Isso quer dizer que mesmo tendo uma religião, eu posso também acreditar nas teorias da ciência, não é?

- Pode, claro que pode, minha pequena! Há muitos judeus e cristãos, assim como pessoas que têm outras religiões, que acreditam nas teorias da ciência e nas de suas religiões. Isso não é um problema porque, em muitos casos, elas são semelhantes. Às vezes, até parece que contam a mesma história, só que de forma diferente. E a leitura que o Espiritismo faz da Criação é um exemplo disso. Aliás, tem um detalhe interessante: um



dos autores da teoria do Big Bang era padre. Ele se chamava Georges Lemaître. Além de padre, era astrônomo, físico e cosmógrafo. Como muitos religiosos cientistas, eles investigam o funcionamento do universo para compreender melhor Deus e sua Criação, e não para negar a existência de um ser supremo Criador da vida!

As histórias do avô deixaram Firmina muito encantada com tantas possibilidades de ver a origem da vida. E por ver o ar de encanto e curiosidade no rostinho da netinha amada, Joaquim falou:

- Minha querida, não podemos esquecer que outras religiões também formularam explicações sobre a origem da vida. Você quer conhecer essas teorias?

- Claro, vovô! Estou muito ansiosa para conhecê-las, mas, estou com uma fome danada! O senhor faz um bolo de chocolate para mim?

- Pode deixar! O vovô vai fazer o bolo mais delicioso do mundo!

Enquanto o bolo assava, Firmina encarava com seus grandes olhos a massa crescendo. Estava com tanta fome que não via a hora de comer a forma toda... Gritava algumas vezes:

- Vovô, venha ver! Será que já está pronto?

Ela não sossegou até seu avô retirar o bolo do forno, que espalhou um cheirinho de coisa boa por toda a casa. E vendo a alegria da neta diante do bolo quentinho, Joaquim viu que aquele seria o momento perfeito para continuar a falar das teorias sobre a origem da vida:



- Sabe, minha filha! O hinduísmo, uma das religiões mais antigas, diz que há, no universo, uma força que nos move e que nos criou. Podemos compará-la com o cheiro do bolo ao sair do forno...

- Vovô, diria que essa força vai para todos os lados, hein?
- Isso! Assim ela é. Brahma, um dos deuses hindus, veio dessa força e criou a Terra e tudo o que nela existe. Ele criou o céu, as águas, os animais e até as frutas que estão em nosso pomar.



- Então, vovô, Brahma é o mesmo Deus do judaísmo e do cristianismo?
- Parece, não é? Mas, judeus, cristãos e muçulmanos acreditam que há um só Deus, que é responsável pela vida. Já no hinduísmo há a trimúrti, ou seja, a crença que três deuses são responsáveis pela criação da vida, por sua preservação e por sua destruição.
- Ah, bom, vovô. Agora eu entendi a diferença. Então, Brahma é o responsável pela criação. Mas, quem são os outros?

Com um sorriso de satisfação pela perspicácia da netinha, o vovô respondeu:

- Minha filha, para os hindus, a criação do universo veio de Brahma, mas a conservação da vida é um cuidado de Vishnu e suas transformações, uma responsabilidade de Shiva. Deixa-me explicar melhor: os hindus entendem que devemos buscar

a paz, recusar toda violência e estarmos sempre atentos às mudanças do mundo, pois, junto com ele, nós todos mudamos e aprendemos também. Quem preserva tudo isso é o Deus Vishnu, que sempre busca a paz e a sabedoria. Deixa o bolo um pouco e vamos dar uma volta lá fora...

Acompanhada do Totó, o cãozinho de estimação do vovô, Firmina começou a ver Brahma nas jabuticabas e nos pêssegos, que eram as frutas daquele mês. O vovô, com toda sua sabedoria, disse:



- Está vendo aquela frutinha estragada no chão? Ela é uma mostra da força destruidora. Porém, observe aquelas que estão nascendo nas árvores e aquelas que os pássaros estão comendo. Elas representam a força transformadora. Para os hindus, essas duas forças vêm do Deus Shiva.

E assim foi a pequena menina, arrastando seu vestido pela grama, reparando em detalhes que nunca havia visto. As nuvens pareciam algodão doce, o sol brilhava e tudo aquilo que o vovô havia ensinado ficou marcado em seu coração, transformando aquela tarde em um grande aprendizado sobre o surgimento da vida!



No dia seguinte, Firmina chegou da escola mais entusiasmada do que o costume. Irradiando uma grande interrogação em sua cabeça, não demorou para fazer suas perguntas para o avô:

- Vovô, hoje na escola contei para minhas amiguinhas tudo o que aprendi com o senhor ontem sobre a origem da vida. Porém, a Pagu, minha melhor amiga, disse que não conhecia aquelas explicações porque ela é candomblecista. O que isso quer dizer?

- Quer dizer, Firmina, que ela é praticante do Candomblé, uma religião de matriz africana com origem nos cultos aos orixás dos iorubás da África Ocidental, que vivem na atual Nigéria. E no Candomblé há teorias diferentes sobre a origem da vida. Por isso a Pagu não conhecia as que você aprendeu ontem comigo.

- E quais são as teorias do Candomblé, vovô?

- Bem, há diferentes seguimentos no Candomblé. As nações, como eles chamam, indicam as vertentes da religião, que se diferenciam no idioma que usam nos rituais e nas crenças dos povos que viviam em determinadas regiões da África quando o culto chegou ao Brasil. Por isso, a forma como os candomblecistas entendem a origem da vida depende da nação a que pertencem. Os candomblecistas da nação Bantu, por exemplo, partilham das explicações que os povos Bantu da África têm sobre a origem da vida.

- Antes de contar essa história – continuou o vovô – é importante você saber que o povo Bantu é bastante diverso. Eles vivem em vários países do continente africano, que é enorme e cheio de línguas, culturas e costumes diferentes. Por isso, os Bantus têm suas diferenças. Mas, mesmo assim, há algumas semelhanças entre eles, principalmente quando o assunto é religião. Por isso, de um modo geral, eles acreditam que o responsável pela origem de tudo é o Deus Nzambi, ou Kalunga, dependendo da região. Kalunga é um Ser Supremo que, após criar a vida a partir do nada, se afastou dos homens, mas ainda olha tudo com bondade.

- Que interessante, vovô!

- Sim, minha pequena. Os povos Bakongo dizem que Kalunga criou a vida dominando e transbordando o vazio. Criou a luz,

a terra e a água. Com a água, o mundo começou a criar formas, abrindo rios e formando montanhas. Tudo o que tinha contato com o Deus Kalunga tomava vida, pois Ele era a vida completa. Kalunga também criou os planetas, tanto os habitáveis quanto os inabitáveis!



- Puxa, vovô! Esse Deus Kalunga é muito semelhante ao Deus dos judeus e católicos, não é?
- Sim, Firmina. É por isso que muitos defendem que todas as religiões nos levam a Deus, independente do nome que damos a Ele.
- E você reparou como essa teoria é semelhante ao Criacionismo, vovô?
- Sim, minha garota, elas são muito parecidas. Na verdade, há muitas outras semelhanças. Os Bantus, por exemplo, fazem a devoção para espíritos a fim de conseguirem ajuda na resolução de problemas da vida. E, nesse ponto, essas

divindades são muito semelhantes aos santos católicos, aos quais os fiéis da Igreja Católica pedem ajuda por meio de preces, procissões e, até mesmo, promessas.

Firmina era só contentamento com tantas descobertas! E percebendo que teria mais horas de aprendizado depois da escola, sentou-se em seu banquinho para escutar o avô e logo perguntou:

- Que legal, vovô. São muitas as semelhanças mesmo, não é? Mas, o senhor falou que há diversas teorias sobre a origem da vida no Candomblé...

- Isso mesmo, Firmina! Falei da crença do Candomblé Banto. Mas, além dele, há o Candomblé Jeje e o Candomblé Ketu. Na nação Jeje predominam os idiomas e a crença dos povos que viviam no antigo Reino do Daomé, na África, como os Fon e os Ewé. Para eles, o mundo foi criado por Nanã Buruku, ou Nanã Buluku, com a ajuda de duas serpentes. Eles criaram o mundo, os animais e os vegetais. Em seguida, criaram um casal de gêmeos: a menina Mawu e o menino Lissá, ou Lisa. Eles ficaram encarregados de criar os seres humanos e povoar a Terra. E assim fizeram!

- Nossa, vovô! Mawu e Lissá são Adão e Eva, então?

- Parece, não é, minha pequena? São teorias elaboradas por povos diferentes, mas muito parecidas aos nossos olhos!

Firmina estava radiante com tantas novidades e com as semelhanças entre as diferentes teorias sobre a origem da vida!

- Verdade, vovô. E o que diz o Candomblé Ketu sobre a origem da vida?

- Ah, sim! Na nação Ketu predominam os idiomas e crença dos lorubás, ou lorubás.

- Quem são eles, vovô? De onde eles são?

- Os lorubás, atualmente, vivem na Nigéria, país que fica na África.

Firmina quase que não se aguentava de tanta emoção com tantas descobertas! Seus olhinhos brilhavam como pedras

preciosas, ou como o sol quando ele nasce cedinho nas manhãs. Antes que ela pudesse terminar de se arrumar em seu banquinho, o vovô mudou a postura, se ajeitou e começou a contar, quase como se cantasse uma música ou falasse um poema muito, muito antigo:

- Dizem os lorubas que, no começo, o nosso mundo era água. Tudo era pântano, ondas, azul e verde. Só o que existia era o reino de Yemojá, suas filhas conchas, pérolas e espuma. Mas, lá em cima, havia o céu. No céu moravam Olorum e todos os orixás. Os orixás, às vezes, desciam para brincar aqui, no pântano de poças aguadas. Eles desciam por teias de aranha que se penduravam no vazio. Aqui embaixo não tinha terra, não tinham homens para andar, nem povoar, nem correr por aí.

- Conta mais, vovô!

- Um dia, Orixanlá-Obalatá, o grande orixá de roupa branca, foi chamado para conversar com Olorum. Olorum desejava criar, aqui embaixo, uma terra firme, e precisava da ajuda de Obalatá. Para que ele realizasse essa tarefa, Olorum lhe deu uma concha com terra, uma pomba e uma galinha de cinco



dedos. Quando Orixanlá desceu aqui, depositou, antes de tudo, o pouco de terra que havia dentro da concha, e sobre ela colocou também a pomba e a galinha. As duas começaram a ciscar, devagarinho. Foram, assim, aos poucos, espalhando a terra

que tinha vindo com a concha, até que houvesse terra firme por toda a parte. Obalatá ficou feliz e foi contar a Olorum os resultados. Olorum queria ter certeza, e para isso, enviou um camaleão para que ele pudesse olhar e confirmar se a terra realmente estava firme. Depois disso, Olorum mandou, de

novo, que Obalató aqui viesse para modelar os homens, plantar árvores e produzir riquezas e alimentos. Assim veio a chuva para regar as plantas. E tudo começou! Mais tarde, esse lugar foi chamado de Ifé, que quer dizer, minha filha, grande morada. Em Ifé surgiu o primeiro reino Iorubá, há muito, muito tempo!

Firmina levantou-se do banquinho e começou a andar para lá e para cá, quase como se estivesse brincando dentro das palavras do vovô. Era sempre maravilhoso ouvi-lo contar histórias tão incríveis, e ela tinha certeza que aquele velhinho era mágico. Como ele sabia tanto?

E como num passe de mágica, Totó passou correndo e levou consigo Firmina para brincar no pomar!

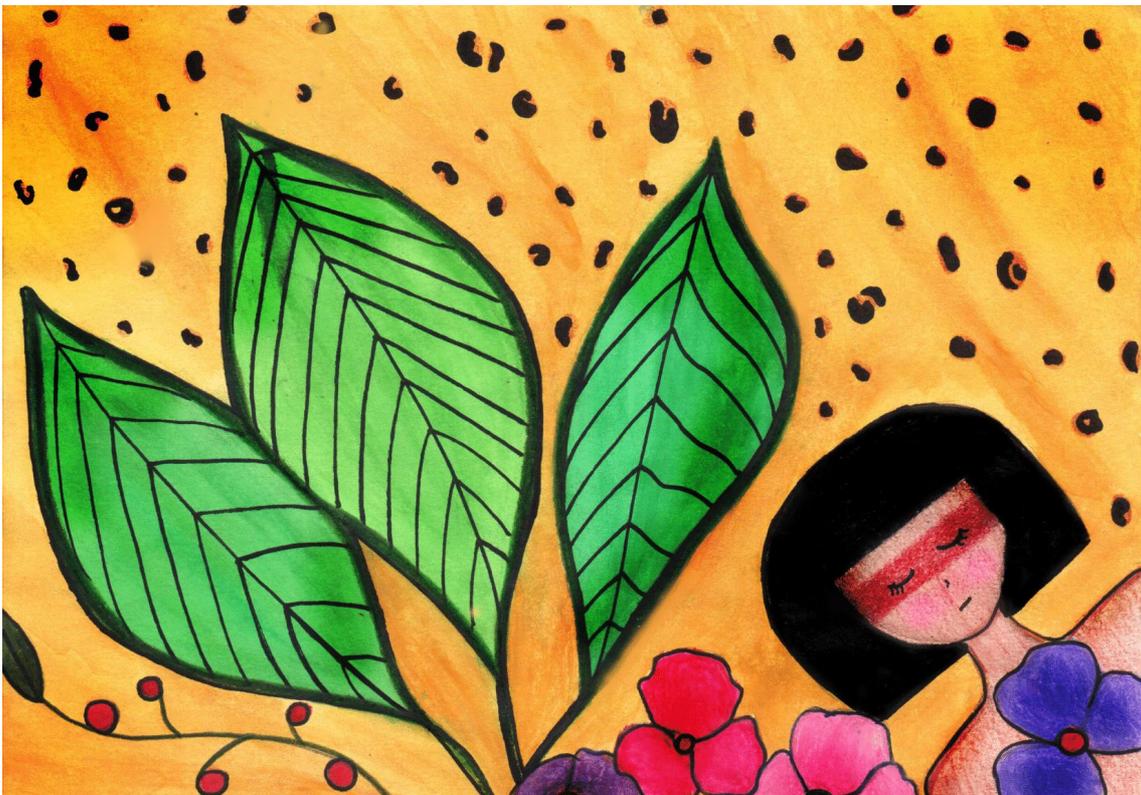


No dia seguinte, Firmina chegou na sala e viu seus avós sentados no sofá. Eles liam cada um o seu livro. Doce como manga e astuta como um gatinho, sentou-se no meio dos dois e buscou o aconchego do colo de Cora, sua avó. Antes que ela pudesse perguntar algo, ele falou:



- Já sei! Você vai me perguntar se conheço mais teorias sobre a origem da vida!
- Vovô, o senhor é mesmo mágico! Como consegue ler a minha mente? É que eu vi na internet que existe também o Candomblé Caboclo, que mistura tradições africanas com as dos povos indígenas.
- Isso mesmo, minha pequena. A mesma coisa acontece com a Umbanda, que é uma religião que nasceu no Brasil. Ela mistura elementos do Candomblé, do Catolicismo, do Espiritismo e das religiões indígenas.
- Nossa, que interessante, vovô! Então, eles seguem as crenças desses povos e religiões, essas que o senhor já me contou?
- Isso mesmo!
- Mas, e os povos indígenas, como explicam a origem da vida?
- Bem, minha querida. Saiba que entre os povos indígenas há uma diversidade cultural muito grande: cada etnia tem o seu idioma, hábitos, costumes e crenças... Entre eles há semelhanças na forma como vivem, que se caracteriza pela vivência harmônica com a natureza.
- Que legal, vovô!

- Os Apapocuva-Guarani, que vivem na região onde hoje são os estados de Mato Grosso, São Paulo e Paraná, dizem que o Criador se descobriu sozinho em meio à escuridão, e que carregava um sol no peito. Depois de criar a Terra, ele encontrou outro ser que o ajudou a fazer a primeira mulher em uma panela de barro. Ela passou a ser chamada Nossa Mãe. Essa mulher teve filhos gêmeos com o Criador e seu ajudante. Um dia, enquanto trabalhavam na roça de milho, houve uma briga e eles abandonaram Nossa Mãe com seus filhos. O Criador partiu e fechou a entrada para o caminho que leva os seres humanos até ele. Mas, os gêmeos continuaram a criação. Fizeram muitas frutas e animais. Um deles criou as danças da pajelança para que pudesse conversar com seu pai desaparecido, o Criador. E a dança funcionou bem, pois um dia o Criador apareceu, levou o filho consigo e entregou a ele o cuidado da Terra. É por isso que até hoje os Guarani usam as danças da pajelança para conversar com o Criador e outras divindades.



Os olhos de Firmina irradiavam o encanto com a história que seu avô acabara de lhe contar. Com entusiasmo e segurando as mãos da avó que tanto amava, não deixou Joaquim quieto por muito tempo:

- Vovô, estou encantada com essa história! Ela se parece muito com as outras que o senhor me contou. E, sabe de uma coisa, vovô? Eu nunca tinha aprendido na escola que os povos indígenas também têm as suas explicações sobre a origem da vida!

- Pois é, minha garotinha. E saiba que muitos outros povos formularam teorias que explicam o começo de tudo!

- Sério, vovô? – falou pulando de entusiasmo a pequena curiosa, chegando a assustar os avós. - Então, me conta mais... quem são esses povos e como eles dizem que tudo começou?

Os avós se entreolharam com um sorriso de satisfação pela sede de conhecimento da pequena Firmina, e lá foi o vovô contar o que tinha aprendido nos livros!

- Bem, minha pequena! Os Maias dizem que vários deuses criaram o mundo enquanto conversavam...

- E quem são os Maias, vovô?

- Eles viveram há milhares de anos na região onde hoje estão o México e outros países da América Central. Eles formaram uma rica civilização naquela região, mas ela foi destruída pelos espanhóis quando ocuparam o continente americano.

- Nossa! Quero saber mais, por favor!

- Primeiro, quando tudo era quieto e escuro e só havia o céu e o mar, os deuses fizeram as águas se abrirem e a terra aparecer. Foi aí que eles criaram as florestas.

- Sim, e aí?

- Mas, os deuses acharam tudo silencioso demais e criaram os animais para alegrar o mundo. Porém, eles não gostaram quando perceberam que os animais não se lembravam deles e nem diziam seus nomes. Como castigo, os animais foram condenados a se matarem.

- Muito triste isso, vovô. E o que aconteceu depois?

- Em seguida, os deuses resolveram criar um ser que vivesse para respeitá-los e agradá-los. Na primeira tentativa,

moldaram o homem a partir do barro, mas essa criação não ficou boa. No começo até falavam, mas o corpo ficou aguado e sem movimento. Os criadores, então, concordaram em desfazer os homens de barro. Na segunda tentativa, fizeram homens de madeira e eles se multiplicaram e povoaram a Terra. Mas, mesmo conseguindo falar, não conseguiam se lembrar dos criadores.

- E os deuses, vovô, o que fizeram?

- Eles decidiram enviar um dilúvio e destruir esses homens de madeira, que não tinham coração. Os maias acreditavam que os macacos que existem hoje são descendentes dos homens de madeira que teriam sobrevivido. Por último, criaram o homem com o milho. Eles eram de toda as cores e representavam as diferenças entre todos os homens. Essa obra teria ficado muito boa, pois eram inteligentes e se recordavam dos deuses. Porém, eles eram tão espertos que se assemelhavam aos criadores. Por isso, os deuses limitaram a visão do homem para que não fosse comparável a eles. Os maias acreditavam que esses somos nós, os seres humanos!

- Amei essa teoria, vovô. Eu até queria ouvir mais uma, mas essa história de milho me deu uma baita fome...

E lá foram Firmina, seus avós e o Totó para a cozinha fazer um delicioso bolo. De qual sabor? De milho, é claro!



Todos colocaram a mão na massa: enquanto o vovô pegava os ingredientes, a vovó os misturava, a Firmina untava a forma e o Totó assistia a tudo com seu rabicó parecendo um tic-tac de relógio. E depois que o bolo foi para o forno, todos se

sentaram à mesa da cozinha para esperar o lanche da tarde.

- Vovô, enquanto o bolo não sai, que tal você me contar mais uma teoria? O senhor conhece mais alguma?

- O vovô sabe mais uma teoria, minha filha. Ela é contada faz muito, muito tempo, lá na savana africana, ao sul de um deserto grandão chamado Saara. Antes, essa região era chamada de Bafur. O povo que conta essa história se chama Bamana e a tradição deles é valiosa e antiga.

- Estou animada, vovô! Pode começar!

- No início só havia um ser, que era vivo e vazio. Ele morava no tempo infinito, inacabado e eterno. Seu nome era Maa Ngala. Um dia, Maa Ngala criou um ovo enorme e maravilhoso, que chamou de Fan. Quando Fan chocou, separando-se em nove espaços e dele saíram vinte seres mágicos e fabulosos, que eram todo o universo, todas as forças e todos os conhecimentos. Mas, Maa Ngala ficou triste. Nenhuma dessas entidades podia conversar com ele, como tinha pensado. Então, ele pegou uma pequena parte de cada uma dessas criaturas, misturou todas elas com um fragmento que saía dele mesmo e, num sopro, criou um novo ser. Este ser, minha filha, era o homem. Para o homem, Maa Ngala deu uma parte de seu próprio nome, Maa. E, assim, essa nova alma, aprendendo com seu pai todos os segredos do cosmos, também recebeu o dom da palavra e da mente. E Maa é o antepassado de todos nós, que vivemos aqui na Terra.



Firmina estava encantada! De novo, ela olhou para seu avô com encanto e gratidão por partilhar seu conhecimento de uma forma tão gentil. E o bolo saiu! Todos comeram, inclusive o Totó, e foram para o quintal ver o pôr do sol.

Enquanto o pôr do sol não começava, o vovô foi aguardar as plantas, o Totó foi procurar o ossinho que havia enterrado e a vovó convidou Firmina para brincar no balanço. A menina estava com uma carinha de que a tristeza estava chegando e, com toda a sua sabedoria, a vovó se adiantou:

- Por que essa carinha triste, minha pequena?
- Vovó, você também é mágica, que nem o vovô? Ele me contou muitas teorias sobre o começo da vida, mas, lá na cozinha, disse que só sabia mais uma... Então fiquei pensando, aqui com meus botões, como vou conhecer outras histórias?
- Ah, então coloca um sorriso nesse rosto, porque a vovó também sabe a teoria sobre a origem da vida contada pelos Maoris.
- Maoris? Quem são eles? Onde vivem?
- Eles são um povo nativo da Nova Zelândia. Vivem lá muito antes da colonização europeia e até hoje mantêm suas tradições e crenças.
- Que legal, vovó! E como eles contam a origem de tudo o que há na Terra?
- Os Maoris dizem que, no começo, não havia nada...
- Nada? – disse Firmina contemplando o céu durante o vai e vem do balanço.
- Nadinha!
- Mas, o que seria esse tal nadinha se nunca vi o nada?



Enquanto agarrava a netinha naquele abraço sufocante dado repentinamente, tirando a menina do balanço, Cora disse:

- Assim, minha queridinha. Nesse abraço, se notar, não há nada de nadinha no meio dele.
- Não tem nem espaço pra respirar direito! - resmungou Firmina.

Nesse instante, a vovó soltou Firmina e completou:

- Exato. É isso mesmo, querida. Não há espaço algum e era assim que viviam os filhos de Rangí com Papa. Eles eram deuses, mas viviam todos espremidos, descontentes com o modo como viviam, que nem você ficou quando te apertei! – falou sorrindo!
- Nossa, vovó! Eu imagino o porquê! Mas, me conte melhor como isso aconteceu!
- Os Maoris acreditam que do nada, do vazio, veio a escuridão. E da escuridão vieram Rangí, que é o céu, e Papa, que é a Terra. Esses dois se amavam tanto que nem se desgrudavam, assim como nós em nosso abraço. Daí seus filhos não ficaram nada contentes com esse abraço que parecia eterno!
- Mas, como é que eles saíram desse aperto em que viviam? Eu não conseguiria sair do seu abraço nem que eu quisesse, vovó, e olha que eu tentei! – falou Firmina mostrando os muques dos seus pequeninos braços.
- Então, minha pequena! O abraço era forte demais para que seus filhos conseguissem escapar. Depois de muita discussão, os irmãos decidiram que o melhor para todos seria tentar separar os pais à força!
- Ai, que coisa triste, vovó!
- Pois é, Firmina! Mas, eles não tiveram outra opção. Nesse aperto, essas crianças não podiam nem mesmo ver a luz. E para que houvesse vida, eles deveriam separar os pais. Por um bocado de anos, os irmãos tentaram, mas a força e a persistência dos pais para continuarem juntos eram maiores. Até que um dia...
- Já sei! Até que um dia teve uma grande explosão em que tudo virou pó. E foi aí que o mundo acabou!
- Calma aí, mocinha! Estou te contando a história de como a vida começou, e não o contrário. Não houve uma explosão, minha pequena. Na verdade, aconteceu o seguinte: todos os irmãos falharam, exceto um. Ele se chamava Tane e era o Deus da floresta. Tane entrou de fininho bem no meio do abraço,

como quem não queria nada, e se transformou em uma planta pequenininha. Ali ele ficou por anos a crescer até se tornar uma árvore grandona que, enfim, separou os pais. No espaço que se abriu entre os pais separados surgiram os animais e os humanos. Aliás, toda a variedade imensa de vida foi possível nascer com o fim daquele apertado e confinado abraço.

- E assim a escuridão acabouuuu – celebrou a garotinha, toda feliz!



- Não, não. A escuridão deixou de ser o único modo de existência. Lembre-se que a escuridão não é sinônimo de trevas ou de tristeza. Ela existe, assim como a luz, para que haja o equilíbrio. A mensagem que a teoria dos Maoris nos transmite é que a eternidade não tem uma forma só. Isso quer dizer que devemos respeitar a diversidade da vida e a existência de todos. Ainda, temos que celebrar e agradecer o desafio que foi para Tane separar seus próprios pais. Afinal, ele só fez isso para lutar contra os excessos, que não são saudáveis para a nossa vida. Ele fez isso, enfim, para que a vida seja possível!

- Que linda mensagem, vovó! – falou contemplando o semblante da avó, que era puro amor e sabedoria!

Enquanto Firmina esboçava encanto pela teoria dos Maoris, Joaquim e Totó se aproximaram das duas amadas. Eles queriam anunciar a proximidade do pôr do sol. Vendo que o avô chegava, Firmina perguntou:

- Vovô, o senhor ouviu a teoria que a vovó me contou?
- Sim, minha querida. Linda, não é?
- Sim, vovô. Estou encantada com essa história e com todas as outras que o senhor me contou. Com elas aprendi que a Terra é muito por demais de grande, e por isso seus povos são muito diversos. E como suas culturas são diferentes, criam a sua própria teoria sobre a origem da vida!
- Isso mesmo, minha filha!
- Mas, vovô, me diga uma coisa: qual é a verdadeira explicação sobre o começo da vida?
- Excelente pergunta, minha querida! Se pensarmos bem, não existe uma teoria que seja verdade ou mentira. O que existe são crenças diferentes.
- Verdade, vovô! Não tinha pensado nisso. Então, o que aprendi com o senhor é que, independente de eu acreditar ou não em uma teoria, tenho que respeitar as diferentes explicações porque elas são importantes para os povos que as formularam. Elas fazem parte de suas culturas, não é mesmo?
- Isso mesmo, minha pequena. Essa é a lição: respeitar as crenças e os povos. Devemos todos viver em harmonia, mesmo que a gente pense de forma diferente!

Com o seu olhar de encanto pelos aprendizados dos últimos dias, Firmina abraçou seus avós. Todos estavam prontos



para contemplar o pôr do sol, que havia começado. Afinal, eles aprenderam juntos que, independentemente de quem criou a vida, ou como, precisavam admirar a sua beleza e agradecer por tantas coisas boas que ela nos faculta. Pois, a vida é assim: linda, como todas as narrativas sobre a sua origem.

Quem escreveu esse livrinho?



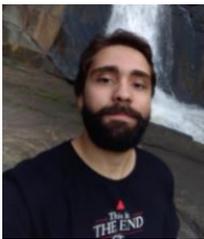
Anderson Vilela Oliveira Dias

Discente do curso de História – Licenciatura da UNIFAL-MG e estagiário na licenciatura em História, na Educação Básica. Tem um filhinho de um ano e vai ler esse livrinho para ele.



Anna Livia Balbino Carvalho Braga

É estudante de Letras na Universidade Federal de Alfenas e desde pequena encontra e deixa na literatura uma parte de si... Como essa história, que passará por vários olhinhos a partir de agora.



Augusto César Silva de Oliveira

É estudante do curso de História na Universidade Federal de Alfenas. É apaixonado por literatura, em especial a mineira e a latino-americana.



Fabrício de Oliveira Ferreira

Estuda História na Universidade Federal de Alfenas. Gosta de tomar café, de literatura e de prostrar com os amigos.



Guilherme Talles Júlio dos Santos de Carvalho

É graduando em História pela Universidade Federal de Alfenas. Gosta muito de cinema, literatura e música. É apaixonado por cães e gatos.



Luana Bruno da Silva Bellini Ramos

É estudante do curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas. Apaixonada pela arte, em especial, pela poesia. Com a aquarela, tenta explicar seu sentir. Amiga da terra e das árvores.



Luiz Antonio Sabeh

É historiador e professor de História Moderna na Universidade Federal de Alfenas. Coordena o projeto de extensão “Novas mídias para a produção e comunicação do conhecimento histórico” que deu origem a esse livrinho. É pai do Bento, do Benício e do Inácio!



Maria Emília Moura Saldanha

É estudante de História na Universidade Federal de Alfenas. Algumas de suas paixões são ler livros, escrever, dançar e cantar. Faz teatro e tem uma linda cachorrinha chamada Kiara.

E quem fez as ilustrações desse livrinho?



Anna Livia Balbino Carvalho Braga

É estudante de Letras na Universidade Federal de Alfenas e desde pequena encontra e deixa na literatura uma parte de si... Como essa história, que passará por vários olhinhos a partir de agora.



Luana Bruno da Silva Bellini Ramos

É estudante do curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas. Apaixonada pela arte, em especial, pela poesia. Com a aquarela, tenta explicar seu sentir. Amiga da terra e das árvores.

O que os autores leram para escrever esse livrinho?

A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo, livro codificado por Allan Kardec (Editora FEB, 2013).

A mitologia umbandista, artigo de Antonio Talora Delgado Sobrinho (Revista *Perspectivas*, 1985).

A origem das espécies (edição ilustrada), livro de Charles Darwin (Editora Martin Claret, 2014).

Alcorão Sagrado (Editora Best Seller, 2010).

As lendas da criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocúca-Guarani, livro de Curt Nimuendajú (Editora da USP, 1987).

Bíblia Sagrada (Editora Ave-Maria, 1999).

Big Bang, livro de Simon Singh (Editora Record, 2006).

Conhecendo o Hinduísmo, livro de Vasudha Narayanan (Editora Vozes, 2009).

História Geral da África, obra escrita por diversos autores (Editoras da UNESCO e da UFSCar, 2010, 8 volumes).

Mitologia dos Orixás, livro de Reginaldo Prandi (Editora Companhia das Letras, 2003).

O candomblé bem explicado, livro organizado por Marcelo Barros (Editora Pallas, 2009).

Pelas cores da Índia, livro escrito por Laurence Quentin e ilustrado por Catherine Reisser (Editora Companhia das Letrinhas, 2011).

Popol Vuh, livro organizado por Gordon Brotherston e Sérgio Medeiros (Editora Iluminuras, 2007).

Uma enciclopédia da Nova Zelândia, livro editado por A. H. McLintock (Edição de 1966 disponível online em inglês em <https://teara.govt.nz/en/1966>).



Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG
Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700
Centro – Alfenas – Minas Gerais – Brasil
CEP: 37.133-001

